Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

A Inteligência Artificial como mediação na educação: um método para o desenvolvimento do pensamento crítico nas escolas [1]

Artificial Intelligence as education's mediation: a method for developing critical thinking in schools

Talita Souza Magnolo[2]

Resumo: O artigo discute a importância do conceito de mediação na história dos meios de comunicação e as mudanças comunicativas recentes impulsionadas pela ascensão da Inteligência Artificial. A mediação é analisada como um processo de expansão dos meios técnicos e suas inter-relações com mudanças socioculturais. O artigo é fundamentado no Projeto de extensão "MemórIA", UFJF, cujo objetivo é promover a educação midiática e o pensamento crítico em jovens, utilizando IA. As ações visam preparar os alunos para lidar com a realidade tecnológica e desenvolver habilidades críticas em um ambiente de alta conectividade e desinformação.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Mediação; Pensamento crítico.

Abstract: The article discusses the importance of mediation in the history of media and the recent communicative changes driven by the rise of Artificial Intelligence. Mediation is analyzed as a process of expanding technical means and their interrelations with sociocultural changes. The article is based on the extension project "MemórIA" from UFJF, which aims to promote media education and critical thinking in young

[1] Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP.

[2] Professora Substituta na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vice-líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Comunicação, Cidade e Memória. Coordenadora do Projeto de Extensão MemórIA. E-mail: talita.magnolo@yahoo.com.br

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

people using AI. The actions aim to prepare students to deal with technological reality and develop critical skills in a highly connected, misinformation-rich environment.

Keywords: Artificial Intelligence; Mediation; Critical thinking.

Introdução

Ao pensarmos sobre mediação (ou midiatização) é inevitável ignorar que este termo se tornou um importante conceito para descrever a história dos meios de comunicação e, também, a mudança comunicativa que está ocorrendo, especialmente nos últimos anos, com ascensão explosiva da Inteligência Artificial, materializada em programas, plataformas, produtos, textos, imagens, entre outros.

Nessa perspectiva, a mediação será utilizada neste trabalho enquanto um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural (Gomes, 2021). É preciso, portanto, compreender que a realidade atual dos processos de aprendizado e comunicação, dentro do universo tecnológico da Inteligência Artificial, sofrem e sofrerão diversas influências, seja em um pequeno grupo, como uma sala de aula, ou um grupo maior, como uma cidade, um estado ou país.

De acordo com Grohmann e Mauro (2015), como qualquer outro conceito, deve-se pensar que a mediação expressa o espírito de um tempo, de um determinado campo, que revela, na sua essência, marcas de hegemonias e embates teóricos e sociais. Para este artigo, busca-se compreender o conceito de mediação no campo social, através da perspectiva social-construtivista, que entendo o conceito de midiatização como

> como um processo de construção comunicativa da realidade social e cultural. Trata-se de uma concepção mais aberta que a lógica da mídia, pois enfatiza a complexidade da mídia como instituição e tecnologia (Grohmann e Mauro, 2015, p. 249).

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Para José Luiz Braga (2006), estamos diante de uma transição do processo interacional de referência escrita para um processo cuja preferência de interação está na base tecnológica. Para o autor, a midiatização pode relacionar-se a processos específicos que passam a se desenvolver de acordo com a mídia, como a política, o entretenimento, a própria sociedade, a educação, entre outros. Hoje, estamos diante de uma nova forma de mediação, através de novos dispositivos, programas, ferramentas e diferentes formas de linguagens de Inteligência Artificial.

Este artigo tem, como principal norteador, o trabalho prático em escolas públicas e privadas, realizado por uma equipe de bolsistas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerias, do Projeto de Extensão "MemórIA", cujo principal objetivo é promover a educação midiática e, consequentemente, o pensamento crítico dos jovens com relação aos diversos conteúdos gerados por programas e plataformas de IA, através de ações socioeducativas nas escolas públicas e particulares da cidade e região.

Este trabalho justifica-se a partir do entendimento da necessidade de que as escolas abordem a temática da Inteligência Artificial em sala de aula, através da ótica das habilidades e competências (Sayad, meio digital, 2024), para lidar com mudanças tão velozes e significativas. Portanto, o Projeto de Extensão, acima mencionado, junto com um embasamento de leituras teóricas, busca, em contato com os alunos, demonstrar que é possível "aprender a aprender", ou seja, que a aprendizagem é permanente e está integrada e conectada com o universo tecnológico. Por exemplo, se demonstramos aos alunos que é importante buscar por informações em fontes seguras e compreender o viés desta informação, estamos os preparando para esta realidade em que é preciso desenvolver, cada dia mais, um pensamento crítico diante de tantas fontes de informações, somadas à fake news, desinformação e montagens.

Inteligência Artificial

Para Martha Gabriel (2022), a IA é a capacidade que as máquinas têm de imitar o funcionamento da mente humana. O conceito é tão amplo, quanto novo para nossa

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

realidade e, portanto, se torna protagonista de diversos estudos e abordagens. De acordo com Miroshnichenko (2018, p.1), as pesquisas sobre a atuação da IA, concentram-se em dois conceitos dicotômicos:

> Um grupo acredita que essa tecnologia "imita a inteligência humana". Nesse caso, os pesquisadores vinculam as tarefas que uma IA foi designada com a "fidelidade ao desempenho humano". Por outro lado, há os que defendem que as Inteligências Artificiais não têm relação com inteligência humana e as pesquisas investigam se os algoritmos pensam ou agem racionalmente quando desempenham tarefas.

O senso comum, subsidiado pela literatura e pelos marcos históricos de nossa sociedade, aponta que os conceitos fundamentais e, consequentemente, a origem da IA, são resultantes dos estudos de Alan Turing, cientista e matemático britânico, que, em 1950, investigou através do "Teste de Turing" se as máquinas conseguiam imitar o comportamento humano.

> O objetivo dele era uma definição operacional sobre a inteligência. O computador passaria no teste se conseguisse responder, por meio de digitação on-line, perguntas feitas por um humano e ele não descobrisse que a interação era com uma máquina. Turing defendia a complexidade do comportamento humano e acreditava que um conjunto de regras não conseguiria ser mais inteligente (Zandomênico, 2022, p.29).

Obviamente, da década de 1950 para os dias de hoje, muita coisa aconteceu. Se observarmos a história do uso da IA, especificamente, nas comunicações, é possível compreender alguns momentos de pontos de virada que foram importantes para determinar o modo como nos relacionamos, hoje, com a Inteligência Artificial. De acordo com a professora Margareth Boden (2020), do departamento de informática da Universidade de Sussex, que desenvolve pesquisas sobre os campos da inteligência artificial, psicologia e ciência cognitiva e da computação, a partir da década de 1980,

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

foram desenvolvidos sistemas especialistas para realizar tarefas específicas, baseadas em um conhecimento especializado.

> Os quatro objetivos ou definições de IA: dois relativos a uma abordagem humana, a saber, sistemas que pensam como pessoas e sistemas que agem como pessoas; dois relativos a uma abordagem ideal, ou seja, sistema que pensam racionalmente e sistema que agem racionalmente (Santaella, 2023, p.10)

Para Santaella (2023), esses objetivos fundamentalmente racionalistas, aos olhos atuais, precisam ser complementados por sistemas que simulam sentir como pessoas. Essa percepção acentua-se, de acordo com a autora, desde o lançamento do robô conversador, pelo ex-engenheiro do Google, Blake Lemoine, LaMDA (Modelo de Linguagem para Aplicativos de Diálogo).

Na busca por uma definição do que seja IA, Santaella (2023) recorre a Webb (20202, p.13), que afirma que a Inteligência Artificial é um sistema que toma decisões autônomas e, para isso, tem como tarefa a realização contínua de ações, simulando, portanto a inteligência humana. Alguns sistemas de IA são muito extensos e realizam milhões de cálculos de forma rápida e assertiva, da mesma forma, existem sistemas que são específicos e destinam-se a realizar uma única tarefa.

> Outra definição ainda suscinta, mas, mais detalhada, é apresentada pela IBM (2020) quando afirma que, em sua forma mais simples, a IA é um campo que combina a ciência da computação a conjuntos de dados robustos para permitir a solução de problemas. Ela também engloba os campos secundários de machine learning e deep learning, que são frequentemente mencionados com ela. Essas disciplinas são compostas por algoritmos de IA que buscam criar sistemas especializados e capazes de fazer previsões ou classificações com base em dados de entrada

Santaella (2023) diz que apesar de associarmos, com certa frequência, a Inteligência Artificial ao machine learning e ao deep learning, é preciso ficar claro que as pesquisas em IA são muito mais amplas, abrangendo uma variedade de teorias e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

tecnologias. A autora reforça, também, que a IA não refere somente a ciência da computação e matemática, mas, também, aos campos da economia, da saúde, linguística, engenharia elétrica, filosofia, entre outros. Sendo assim, Santaella (2023) afirma que devemos considerar, ao falar sobre IA, o espectro de domínios que englobam a vida artificial, o raciocínio automatizado, a computação bioinspirada, a mineração de conceitos e de dados, agentes e controles inteligentes, representação de conhecimentos, robóticas baseadas em comportamentos e cognição, entre muitos outros campos.

Na década de 1990, foram desenvolvidas técnicas avançadas de PLN (Processamento de Linguagem Natural), permitindo que as máquinas entendessem e gerassem linguagem humana (Boden, 2020). O início dos anos 2000 presenciou a ascensão do Machine Learning – o aprendizado de máquina – tornando possível, o treinamento de modelos para a execução de tarefas específicas. Por fim, nesta última década, aconteceu a popularização das redes neurais e aprendizado profundo, que revolucionaram a IA.

Os estudos e pesquisas em torno da IA passam por diversos desafios, expansões e questionamentos éticos. Durante a palestra intitulada "O que (ainda) nos faz humanos? Inteligência Artificial e pensamento crítico", o professor Alexandre Le Voci Sayad, da UnB (meio digital, 2024) afirmou que uma palavra importante para se pensar a Inteligência Artificial é a interdisciplinaridade. A partir desta perspectiva, indaga-se: "É possível que a Inteligência Artificial, como uma nova forma de mediação, interfira no pensamento crítico da Geração Z[3]?".

De acordo com o professor de Sociologia, Francisco Porfírio (meio digital, 2024), a geração Z cresceu num ambiente inóspito e de completa insegurança em relação ao futuro. A socialização pela internet levou a uma nova configuração social dessa geração e a novos hábitos de consumo. A internet, que deixou de ser aquela rede

[3] Também chamada de "centennial" ou "nativos digitais", a geração Z nasceu de 1995 a 2010 e cresceu em um mundo hiper conectado e em ambientes completamente digitais. Portanto, é possível afirmar que aqueles que pertencem à esta geração, são indivíduos que tem uma íntima relação com o mundo virtual, internet, informática, videogames, e acompanham atentamente as inovações tecnológicas para consumi-las.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

acessível apenas em casa pelos computadores, tornou-se uma companheira constante através dos smartphones. Essa combinação de elementos evidencia os moldes da geração Z: (1) que cresceu acostumada com a individualidade e com a tecnologia; (2) que percebeu a desigualdade social pelo fato de que não pode acessar os mesmos espaços que a classe mais alta; (3) a classe mais alta da geração Z, filha da geração X, também percebe essas contradições do mundo contemporâneo; (4) alguns fazem da internet a interface de uma luta política; (5) outros estão inebriados pela alta conectividade tecnológica em que estão imersos.

Autores como o professor Muniz Sodré (meio digital, 2020), defendem que com o passar dos anos e o aumento considerável das novas tecnologias e a aceleração do tempo, bem como a efemeridade das informações, diminuiu a postura crítica das pessoas diante do mundo virtual. Isso é facilmente percebido quando pensamos nos inúmeros casos de desinformação, montagens, fotos manipulados e fake News que assolaram a internet nos últimos anos.

O Projeto de Extensão MemórIA

O projeto de extensão "MemórIA: promoção da educação midiática diante da reconstrução do passado através da Inteligência Artificial" da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, teve seu início em 2023, dentro de sala de aula. Conversávamos sobre a ideia de que as mágoas e traumas só são suportáveis quando fazemos delas uma história. Isso se fez relevante, principalmente diante do momento em que presenciamos diversas tentativas de apagamentos da história por parte, inclusive, da imprensa e redes sociais.

Ao longo da discussão, alguns apontamentos críticos foram feitos, principalmente, com relação ao que chamamos de "história oficial", enquanto uma história fabricada em detrimento das “outras histórias”, sendo assim, chegamos à conclusão que, para darmos um sentido para nosso presente, é necessário recuperarmos o nosso passado.

Diante da citação de Aristóteles que diz: “Ao assistir à encenação do sofrimento

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

do outro, o espectador se identifica de tal forma que passa a realizar em seu interior a 'purificação' dos sentimentos perturbadores de sua condição humana.", alguns alunos se questionaram sobre o "assistir à encenação do sofrimento do outro" e, se havia um limite sobre esse tipo de rememoração. O questionamento teve como base exemplos da utilização da IA para "reviver" e "ressuscitar" pessoas falecidas, através da IA.

A extensão, como a ponte entre a universidade e a comunidade, se concretiza, assim, no Projeto de Extensão, que promoverá junto à comunidade encontros que possam, de certa forma, dar continuidade a este debate inicial, capacitando estes jovens e educando-os diante da memória artificial.

O Projeto de Extensão, apesar de poucos meses de existência – 9 meses em plena atividade – já impactou mais de 1.000 pessoas, no formato presencial e mais de 4 mil pessoas através de eventos online e redes sociais. A partir destes primeiros contatos, elaborou-se um método de abordagem para alunos em escolas, com o principal intuito de apresentar outros caminhos e vertentes da Inteligência Artificial, demonstrando que é possível sermos mais críticos e habilidosos com as ferramentas de IA que temos à nossa disposição.

O MemórIA conta com 8 integrantes, entre eles, 1 bolsista de extensão e 6 bolsistas voluntários - alunos dos cursos de Jornalismo e RTVI da Facom/UFJF e a coordenadora, Talita Souza Magnolo. Os colaboradores atuam em áreas como Gestão de Ideias, Assessoria, Eventos, Marketing Digital e Clipping. Uma das etapas mais importantes foi o desenvolvimento de uma identidade visual, com a criação de uma logo própria (Imagem 1), apresentada a seguir:

Imagem 1 – Logomarca do Projeto MemórIA



Desenvolvida por Martha Bañolas Tarrago

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

A primeira grande conquista do projeto foi firmar parceria junto à RNCD (Rede Nacional de Combate à Desinformação), através do convite da professora Ana Regina Rego, da Universidade Federal do Piauí. A RNCD liga projetos e instituições que trabalham e contribuem de algum modo para combater o avanço da desinformação que permeia o Brasil. A parceria firmada evidencia a importância do projeto, bem como sua relevância acadêmica e social.

O desenho do método de abordagem foi feito através de algumas metas e indicadores, baseado na experiência do grupo: (1) Diagnose do público-alvo feito com os diretores, superintendentes e com os alunos, que busca recolher e mapear as competências midiáticas dos participantes; (2) Discussão sobre o que está sendo disseminado pela grande mídia (jornais impressos, revistas, TV e internet), promovendo, assim, o conhecimento sobre o tema e fazendo uma primeira associação entre teoria e prática; (3) Perspectivas teóricas, para capacitar os participantes e transmitir conhecimento; (4) Exibição de filmes sobre IA, para que os alunos entendam como a IA foi e é vislumbrada na ficção e quais são as diferenças e aproximações com a nossa realidade; (5) Experimentos práticos, em laboratórios de informática, demonstrando na prática as potencialidades e as limitações da IA; (6) Abordagens lúdicas através de jogos e abordagens de gamificação em sala de aula.

O objetivo das oficinas que são realizadas pelo projeto “MemórIA” é introduzir os estudantes do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio ao conceito de Inteligência Artificial (IA), explorando sua história, aplicações e questões éticas, como o colonialismo digital e privacidade de dados e ensinar a como utilizar a IA como uma ferramenta de ajuda no dia a dia. Durante toda a oficina, será incentivada a participação ativa dos estudantes, através de perguntas, discussões e atividades práticas. O ambiente será dinâmico e acolhedor, visando estimular o interesse e a curiosidade dos participantes em relação à Inteligência Artificial.

1) Primeiro módulo: História da Inteligência Artificial: Boas-vindas e apresentação da equipe do projeto; Como surgiu a Inteligência Artificial;

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Breve explicação sobre o que é IA e seus modelos de aprendizado e treinamento.

A importância deste primeiro módulo é mostrar aos alunos acerca do contexto histórico que culminou a criação da Inteligência Artificial e para o que foi usado, oferecendo uma base histórica e teórica. Em seguida, será ensinamos aos estudantes de forma mais aprofundada sobre o funcionamento da IA, a fim de que ultrapassem noções básicas

2) Segundo módulo: Dinâmica: "Real ou IA?": utilizamos este momento para quebrar o gelo dos alunos e convidamos a participarem da dinâmica que consiste na apresentação de uma série de imagens e eles devem adivinhar se foram geradas por IA ou são reais. Após esse primeiro momento, encorajamos discussões sobre os resultados e as implicações éticas que imagens geradas por IA podem causar

A relevância deste segundo módulo é para que os estudantes compreendam como as imagens produzidas por Inteligência Artificial podem induzir a população ao erro, bem como as implicações positivas e negativas decorrentes disso, além do uso ético da IA na geração de imagens.

3) Terceiro módulo: Colonialismo Digital e Privacidade de Dados: Debate guiado sobre as práticas das grandes empresas de tecnologia em relação à coleta e uso de dados dos usuários; Discussão sobre os impactos do colonialismo digital na sociedade e estímulo à reflexão sobre esse assunto.

O objetivo deste terceiro módulo é instruir os alunos sobre o conceito de Colonialismo Digital e Privacidade de Dados, um tema recente e de grande relevância. Os estudantes serão ensinados a compreender como as grandes empresas de tecnologia utilizam os dados dos usuários, abordando questões relacionadas à privacidade e métodos de proteção das informações pessoais. Além disso, serão abordados tópicos como racismo algorítmico e a reprodução de preconceitos sociais pelas máquinas.

4) Quarto módulo: Como conversar com uma máquina: Mostrar aos estudantes as diferentes formas de Inteligência Artificial e como funcionam; Ensinar

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

como usar a IA como uma ferramenta de ajuda no dia a dia, como um meio e não como um fim, demonstrando assim, que eles podem utilizar as ferramentas como auxilio e não como a resposta definitiva.

Imagem 1: Oficina do Projeto (07/03/2024)



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 2: Oficina do Projeto (07/03/2024)



Fonte: Acervo pessoal

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Imagem 3: Oficina do Projeto (07/03/2024)



Fonte: Acervo pessoal

Considerações Finais

A Inteligência Artificial se faz presente em diversos lugares, como nos robôs humanoides, chats, carros autônomos, sistemas médicos, no governo, site de compras online, escritórios, bancos. "Mais do que isso: está na internet das coisas, algo a ser mais fomentado no Brasil com a implantação do 5G. Estará em nossas roupas e corpos por meio do desenvolvimento de sensores" (Santaella, 2023, p.12). A autora vai além, dizendo que a IA já tomou o espaço, com robôs enviados à Marte e à Lua, dando conta de fornecer imagens e informações que chegam em nossos smartphones, na palma de nossas mãos.

Este artigo demonstrou que estamos vivendo uma transformação descomunal, responsável por revirar nossas próprias noções de mundo, não sendo de se estranhar, por exemplo, o alvoroço cultural sensacionalista que tem acompanhado a emergência das aplicações da IA. Um desses alvoroços é o fato de que a performance dos algoritmos é invisível, ou seja, tudo passa despercebido por pequenos aparelhos, aparentemente inofensivos.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

O trabalho partiu do pressuposto de que a midiatização é um processo de construção comunicativa da realidade social e cultural. Sendo assim, é possível afirmar que a relação das pessoas com os meios de comunicação e com as novas tecnologias mudou. As pessoas passaram a usar a internet para (1) enviar ou receber mensagem de texto, voz e imagens através de aplicativos; (2) conversar por chamadas de voz ou vídeo; (3) assistir à vídeos, inclusive programas, séries e filmes; (4) enviar ou receber e-mail.

Autores como o professor Muniz Sodré, defendem que com o passar dos anos e o aumento considerável das novas tecnologias e a aceleração do tempo, bem como a efemeridade das informações, diminuiu a postura crítica das pessoas diante do mundo virtual. Isso é facilmente percebido quando pensamos nos inúmeros casos de desinformação, montagens, fotos manipulados e fake News que assolaram a internet nos últimos anos.

Além disso, a professora e historiadora Marialva Barbosa, defende que a aceleração do tempo, combinada com a grande quantidade de informações e dados que recebemos e o nosso desejo de preservar toda nossa memória, diminuiu a nossa capacidade de lembrar, justamente pela diminuição do risco do esquecimento.

Entretanto, a pergunta que fazemos desde a concepção deste projeto é: até que ponto devemos permitir que a máquina crie e reconstitua essas lembranças e quais são as limitações éticas diante desta nova forma de lembrar. Sabendo, portanto, que este sintoma é geral de nossa sociedade, o impacto social está na melhora dessa relação das pessoas com os meios e, em especial, com a Inteligência Artificial, demonstrando que o ato de memória ainda permanece como um ato de resistência e precisa ser compreendido e ressignificado diante desta nova "eternidade virtual".

Pode-se, portanto, concluir, que não somos mais individualidades, no sentido de identidade espacial e temporalmente uniforme. Os perfis estão fragmentados e são avaliados na base de buscas particulares que não dão conta de representá-lo como um todo. Por outro lado, Santaella (2023) diz que somos feixes de uma pessoa múltipla, ou seja, podemos ocupar diferentes espaços no tempo. Essa nova forma de existir fez

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

nascer um movimento que Accoto (2020, p.69) vai chamar de do "eu quantificado", onde o corpo é considerado um dado e definido de várias maneiras, como, por exemplo, o autor rastreamento; informática pessoal; análise humana; vida rastreada; vida instrumentada; corpo computável, entre outros.

É um momento paradoxal. Ao mesmo tempo em que tememos esse tipo de movimentação por parte das plataformas, não estamos dispostos a abdicar das facilidades pragmáticas e recompensas psíquicas que os nossos aparelhos eletrônicos nos fornecem.

Referências

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e Método: cenários e práticas de pesquisa.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BODEN, Margaret. **Inteligência Artificial - uma brevíssima introdução.** São Paulo: Editora Unesp, 2020.

BRAGA, J. L. **Sobre mediatização como processo interacional de referência**. In: Anais XV Compós Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo: Compós, 2006.

GABRIEL, Martha. **Inteligência Artificial: do Zero ao Metaverso.** Barueri: Atlas, 2022.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS**, *[S. l.]*, v. 23, n. 2, p. ID22253, 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.2.22253. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253. Acesso em: 22 jan. 2024.

GROHMANN, Rafael; MAURO, Rosana. O potencial teórico do conceito de midiatização e os estudos sobre classes sociais na comunicação. **Revista Novos Olhares**, [S.l.], v.4, n.1, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2015.85313. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/download/85313/102436. Acesso em: 22 jan. 2024.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

MIROSHNICHENKO, A. **AI to Bypass Creativity. Will Robots Replace Journalists? (The Answer Is "Yes")**. 2018. *Information*. Disponível em: https://bit.ly/41jVAqi. Acesso em: 04 jan. 2024.

PORFÍRIO, Francisco. **"Geração Z"**. Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/geracao-z.htm. Acesso em 23 de janeiro de 2024.

SANTAELLA, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?.** São Paulo: Edições 70, 2023.

SAYAD, Alexandre Le Voci. O que (ainda) nos faz humanos? Inteligência Artificial e pensamento crítico. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IKHV9wInWS4 . Acesso em: 16 jan. 2024.

SODRÉ, **Muniz. Muniz Sodré relaciona fake news ao 'enfraquecimento da dicção da verdade'.** Disponível em: http://www.pos.com.puc-rio.br/br/texto/174/muniz-sodre-relaciona-fake-news-ao-enfraquecimento-da-diccao-da-verdade. Acesso em: 10 jan. 2024.

ZANDOMÊMICO, Regina. **Inteligência Artificial e Jornalismo: implicações na redação de notícias e na aquisição do conhecimento.** *Pauta Geral*- Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.9. e221397, p.23-38, 2022. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/issue/view/897. Acesso em: 28 de dez. 2023.